JOANA BELARMINO

JÁ NÃO HÁ GOLFINHOS NO TEJO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Allan Luna

ORGANIZAÇÃO: Maria Valeria Rezende

IMAGEM DA CAPA: Agustinus Nathaniel (Unsplash)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B426j BELARMINO, Joana. –
Já não há golfinhos no Tejo / Joana Belarmino – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.
146 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-633-8

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

A CAIXA DE COSTURA

"Me conte uma história", pedi. Pedi com os olhos, com a antecipação de quem espera, enquanto observava as bonecas, os panos bordados, as peças de madeira.

Segurei entre as duas mãos a caixa de chá em forma de bule, abri seus compartimentos, e, sem aviso, a memória enviou-me lá do porão, uma lembrança antiga. A Mão do major Keller. Lembrei-me daquela mão grande, gorda, cheia de vida, com suas veias salientes e seus pelos grossos, e eis que ela já não estava somente na minha memória, nem no cenário do conto, mas se materializara ali, à vista de todos, enfiando-se por dentro das divisórias da caixa, guardando um pequeno segredo, um pequeno segredo mortífero.

Discretamente, levei a caixa ao nariz, mas ali só encontrei os cheiros de madeira compensada, de verniz, os ínfimos cheiros do tempo de exposição, os cheiros da feira.

Espantei aquela mão insólita, como se batesse num grande réptil indesejado, mas ela desviou-se do safanão e entregou-me um punhado de perguntas, perguntas que eu não tive coragem de fazer à vendedora, ali, tranquilamente sentada, vigiando suas coisas, negociando preços, sorrindo para as vizinhas de banca, entregando pacotes a fregueses ávidos.

Enquanto fitava aquela mão grande, acintosamente a cutucar a barriga do sapo feito de retalhos coloridos, avaliava e

desprezava cada uma das perguntas que não tinha coragem de fazer à vendedora:

"Você tem uma história? Uma história que você não conta a ninguém? Todo mundo tem uma história. Todo mundo tem uma história estranha, uma história inacreditável, uma história tola ou séria, uma história que não conta a ninguém. Eu tenho a minha, você tem a sua. Você sabe, ontem, no supermercado, um homem velho, na fila do caixa, olhou para a sua mulher e disse: – Júlia está com câncer. Aquela frase, dita ali, daquele modo prosaico, aquela frase estava pesada da história de Júlia. Você acha que Júlia tem uma história que não conta a ninguém? Você sabe, naquela hora, tive vontade de largar as compras, tive vontade de correr atrás da história de Júlia, só por causa do que aquele homem tinha dito, com sua voz prosaica, fitando a mulher que por sua vez olhava para as revistas de moda, a alisar displicentemente a sua bolsa de couro. A história dessa mão, você conhece? Essa mão tem vida, essa mão matou um homem. Essa mão, sozinha, livrou-se do braço que a sustinha, e, cheia de vida, acabou com a vida daquele major, tocou com dedos firmes a última nota longa da sua agonia, destilando algumas gotas maléficas no seu último copo de chá. Chá. Você toma chá? Minha filha. Minha filha toma chá de "doces sonhos", mas seus pesadelos nunca deixam de visitá-la. Sonhos. Você tem sonhos? Eu tenho um sonho. Um sonho tolo de ficar sabendo as histórias guardadas. As histórias aprisionadas. Pequenos nós de linhas guardando pedaços de vida, madeira alisada sobre o desespero de alguma cena triste, um porta-retrato ocultando a falha de um sorriso. O meu segredo. Esse é o meu segredo. Sentar-me diante de uma pessoa desconhecida, e, como que por milagre, como a casca do ovo a se quebrar, sua história fazer craque e se apresentar inteirinha para mim. Me conte uma história. Me conte a história da sua mão. Essa sua caixa de chá, esse seu sapo de retalhos, essas

pequenas bonecas de pano, quanto tempo sua mão levou para coser esses panos, aplainar essa madeira? Fazia barulho em casa, enquanto você trabalhava? Fazia calor? Chovia? Histórias. Você guardou histórias dentro dessas caixas?

"Vinte e cinco reais", disse a vendedora para uma mulher alta que tinha nas mãos uma caixa de costura. "Não! Por favor, senhora, esta não!" Gritei, fazendo com que muita gente se virasse para olhar a cena.

A mulher alta largou a caixa em cima da banca, como se ela estivesse cheia de aranhas e afastou-se dali à pressa. A vendedora fitou-me desconfiada. Tratei de encontrar uma explicação para o meu comportamento absurdo.

"Esta caixa... Eu queria dá-la de presente... Minha filha... Essa caixa é perfeita para o seu presente de aniversário... Por favor, é muito importante."

Recuperando o mesmo sorriso de antes, a vendedora embrulhou a caixa de costura em papel jornal, depois enfiou-a numa enorme sacola com o logotipo da feira solidária.

A mão do major. Procurei-a discretamente com o olhar, mas havia desaparecido. Peguei o pacote, paguei, recebi o troco e fitei pela última vez o cenário de circo da feira, afastando-me à pressa dos seus gritos de criança, suas rodas de ciranda, seu cheiro à maresia.

Não. Não olharia mais a caixa de costura, feita de madeira compensada, ao modo de uma cadeira da vovó. Entregaria a sacola à minha filha e tentaria esquecer a cena grotesca da mão do major enfiando mais um alfinete na coleção de alfinetes da pequena almofada. A mão de veias salientes, abrindo com firmeza a pequena gaveta, para despejar ali a implacável chama das suas maldades, nos três dedos recolhidos, ao modo de uma pitada de sal.

AS JOIAS DO BANQUEIRO

Daquele dia eu me lembro. Daquele dia eu me lembro. Era uma segunda-feira. Na segunda-feira a casa fica grande. Silenciosa. Na segunda-feira eu sempre tomo café na cozinha. Eu me lembro daquele dia. Era uma segunda-feira e eu fui tomar café na cozinha. Tomei café, e quando ia saindo, uma chuva grossa começou a bater nas portas, nas vidraças, a derramar água nas flores do jardim. As flores do jardim. Não pode derramar tanta água assim nas flores do jardim. Não pode. Eu quis correr, mas a velha disse que eu ficasse, que a chuva era grossa, que eu podia ter um passamento. Eu me lembro que ela disse passamento. Aí minha vista escureceu, e eu comecei a fazer um monte de coisas dentro da casa. Lavei minha xícara, espanei os móveis, fui de quarto em quarto, arrumando, limpando, guardando, pegando, pesando, esperando. Eu nem andei na chuva mas tive um passamento. E o dia ficou de novo dia, e eu fui pro jardim, e as flores estavam do jeito de sempre, as flores.

Agora é isso, essa confusão, essa zuada por causa do desaparecimento das joias do banqueiro. Vinte e oito peças. Eu não sei contar, mas tudo medido e contado, vinte e oito peças deve ser muita coisa. Eu não vi. Eu só olho as flores. Eu só olho as flores. Eu não vi, mas a polícia já veio. E a televisão. A televisão veio, vestida de azul, e a televisão é gente, gente como eu,

como pode isso? A televisão veio, e só iluminou as gavetas, as gavetas, os quadros, o tamanho da casa. A televisão nem me viu, atrás do canteiro, segurando minha pá, pesando minha pá, minha pá, uma, duas, três, quatro, fiquei pesando todas as pás que eu já tive, mas não sei contar. O banqueiro sabe contar. O banqueiro sabe. O banqueiro conta tudo com um jeito de olho. Pelo jeito do olho do banqueiro, ele pensa que foi o motorista que roubou as joias. Outra hora pensa que foi a velha da cozinha. A arrumadeira. O banqueiro já se deitou com ela que eu vi. Eu já vi ela toda machucada, toda murcha na mão dele. Eu sei por que eu machuquei uma flor, e ela ficou do jeito da arrumadeira na mão do banqueiro. A mulher do banqueiro, ele nunca machucou ela. A mulher do banqueiro murchou com o tempo, como as flores, as flores que foram ressecando com o tempo, o sol, a falta de chuva se derramando no jardim.

Pra mim o banqueiro não olha. O banqueiro não me vê mais. Eu vi a arrumadeira toda machucada pelas suas mãos, mesmo ali perto do pé da rosa chá. Só eu via o banqueiro. E depois, com minha mão grande, machuquei a flor, do jeito que ele tinha machucado a arrumadeira com a sua mão.

As joias. As vinte e oito peças. Eu podia ajudar a procurar. Já veio a polícia, já veio a televisão, o motorista, a velha da cozinha, mandei ela procurar dentro do caldeirão grande do cozido. A arrumadeira foi embora, toda machucada. Eu podia ajudar a procurar, mas não vou, não posso, não quero. Eu podia ajudar a procurar, mas agora a chuva se mudou, tá dentro da minha cabeça, derramando água com toda força na minha cabeça, dentro da minha cabeça. Eu podia ajudar, mas não vou. Não quero. Não posso. A chuva, dentro da minha cabeça, a chuva, grossa, a chuva que não passa, me dando passamento.

ESCARLATE

Eu nem tinha me decidido ainda se usaria o minigravador ou a minha velha caderneta. Nem tinha pensado qual seria a primeira pergunta, mas já escutava o ribombar de todas as suas células, de todos os seus músculos, a trovoada das palavras, como um disparar de metralhadora.

"Eu não sou notícia! Eu não sou notícia! Eu não sou notícia!

Não que ela articulasse as palavras. Sugava o ar fétido do lugar como se ali sempre tivesse vivido. Ar entrando e saindo das narinas, onde pelos grossos retinham poeira e umidade. A boca completamente cerrada, por certo para assegurar a imponência do queixo erguido, um queixo fino, onde feridas antigas desmentiam um ar quase infantil.

O grito vinha de dentro. Quase como um bramido, a ressoar como ameaça, por todas as fibras do corpo, braços e pernas enroscados, seios erguidos, fera pronta a dar o salto, pronta a mergulhar no indiscernível, cabeça tremendo, olhos aparentemente perdidos numa exploração de nada, a fitarem ponto nenhum, na exígua cela.

Estava eu ali, abocanhada por aquela situação, temendo quebrar a simetria bizarra do acontecimento, encolhendo a vontade de abrir a bolsa, pegar a caderneta, apavorada com o simples pensamento de abrir a boca e fazer a pergunta idiota de sempre: "O que a levou a fazer aquilo"?

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2020.